

## Os usos derivados do verbo *Dizer* na fala goiana: enfoque na faixa etária III

Lucas Alves Costa<sup>1</sup>, Vânia Cristina Casseb-Galvão<sup>2</sup>

Faculdade de Letras – UFG

lucas.alves.77@gmail.com, vcasseb2@terra.com.br

### INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado de um trabalho de pesquisa denominado: Usos derivados do verbo *Dizer* na fala goiana (Faixa etária III), filiado ao Projeto Temático “O português contemporâneo falado em Goiás”, constituído por um conjunto articulado de projetos envolvendo a descrição e a análise de dados de fala da variante do português brasileiro falado em Goiás. O objetivo geral desse subprojeto é auxiliar na composição de um conjunto significativo de informações com vista a caracterizar a variante do português falado em Goiânia a partir de uma descrição e análise de cunho funcionalista, especialmente, quanto à constituição do paradigma descrito pelos usos derivados do verbo *dizer* na fala de goianos adultos, que tenham a partir de cinquenta e cinco anos de idade.

Observar e compreender a língua em seu estado de uso numa situação interativa, requer um compartilhamento dos ditames teóricos da Linguística Funcional. O que se expõe neste trabalho é um delinear do fenômeno linguístico investigado por Casseb-Galvão (2001), que apontou a expressão linguística *diz que*, em função não-predicativa /disk<sup>1</sup>/, sendo essa veiculadora da fonte de informação do falante em relação à

---

1

Licenciando em Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Goiás e pesquisador voluntário do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIVIC), sob a orientação da Profa. Dra. Vânia Cristina Casseb-Galvão.

2

Professora associada 1 da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás. Pesquisadora do CNPq. Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e Mestre pela UNICAMP.

origem do conteúdo proposicional, caracterizando um categoria evidencial, como se percebe em (1):

- (1) – E o Betico, Antero, tiveram notícias dele?  
- *Diz que* pegaram ele lá perto da Moeda (...). (V-LR)

Segundo Casseb-Galvão (2001), essa categoria em uso no português brasileiro (PB) encontra-se em processo de gramaticalização, constituindo marca de evidencialidade a partir do uso mais abstrato do *diz que* [*disk'*].

Na pesquisa, Casseb-Calvão (2001) arrolou a ocorrência da expressão linguística *diz que* como introdutora de oração encaixada, mas não condizente com a estrutura argumental do predicado *dizer*, pois não expressa um de seus termos, o argumento da esquerda, com papel temático agente do dito, assim não atribuindo no mundo real a origem da informação apresentada, identificando essa ocorrência como uma possível estratégia do falante para demonstrar ao interlocutor que não pode ou não tem a intenção de atribuir ou identificar a fonte da informação, categoria evidencial.

Com isso, expõem-se a seguir os objetivos gerais do projeto “Fala Goiana” e os específicos do subprojeto a ele vinculado que gerou este artigo, a metodologia de coleta e de análise de dados, bem como algumas postulações teóricas que sustentam a análise. Assim como apresentamos os resultados observados. Ao final, faremos considerações relevantes sobre a pesquisa realizada.

## **OBJETIVOS**

Projeto Temático “O português contemporâneo falado em Goiás”, constituído por um conjunto articulado de projetos, envolve a descrição e a análise de dados de fala da variante do português brasileiro falada em Goiás. O Projeto integra a área de Teoria e Análise Linguística, de orientação funcionalista, e objetiva investigar fenômenos de constituição do português do Brasil a partir de variedades linguísticas

visíveis na fala goiana.

O objetivo geral é justamente contribuir para a documentação e a análise do português falado em Goiás, considerando-se os aspectos da constituição social e cultural da comunidade de fala envolvidas, e sua visibilidade em fenômenos gerais de mudança linguística, bem como, os reflexos dessas mudanças na formação identitária dos goianos em várias dimensões sociais dos usos da língua.

Cabe ressaltar também que é objetivo geral do projeto é auxiliar na promoção de generalizações a respeito do estágio atual da língua falada nesta região tão peculiar do território brasileiro, tendo como parâmetro o português do Brasil.

O subprojeto “Construções evidenciais derivadas de *dizer* no português falado em Goiás – Faixa etária III, busca descrever e analisar o estatuto semântico-sintático e discursivo de evidências derivadas do predicado *dizer*, estabelecendo uma comparação entre dados de sujeitos de pesquisa da faixa etária III, acima de 50 anos de idade. Os resultados aqui verificados contribuirão para o “Fala goiana” e também fornecerá material para o subprojeto “Construções evidenciais derivadas de *dizer* no português falado em Goiás – Faixas etárias I, II e III”<sup>3</sup>, um estudo mais amplo a respeito da correlação do fator faixa etária aos usos inovadores de *diz que*.

A hipótese é que a presença desses usos em faixa etária mais ampla confirma a implementação desse paradigma evidencial no sistema linguístico do português brasileiro, pois determinado fato linguístico supostamente pode ser frequente numa dada variante linguística, representativa de determinada comunidade de fala, mas não representar o sistema como um todo. Com isso, parte-se da concepção de que há um fenômeno linguístico em uso no PB (observado, analisado, descritos e constatado cientificamente (CASSEB-GALVÃO (2001)) e que tal fenômeno pode aparecer na fala de goianienses da faixa etária III. Cabe perguntar também quais os elementos contextuais, cognitivos e subjetivos interferem nesse uso.

## **METODOLOGIA**

---

<sup>3</sup>PIBIC - Machado; Casseb-Galvão (2012).

## **Constituição do *corpus***

Para atender os objetivos propostos, realizou-se um estudo direcionado de um conjunto de obras científicas, norteado por concepções funcionalista, assim como da sociolinguística, que direcionaram a coleta de dados de fala para formar o *corpus* que integra o projeto “Fala Goiana” e a análise dos dados.

Os dados de fala coletados para este trabalho caracterizam-se como os seguintes aspectos: provenientes de moradores da cidade de Goiânia, acima de cinquenta anos de idade, nascidos ou que aqui residem antes dos doze anos de idade e que tenham somente nove anos de escolaridade, denominado como informantes ou sujeito de pesquisa da Faixa Etária III.

As características dos inquéritos, do tipo *fala monitorada* são: os informantes são direcionados pelo documentador a contar experiências pessoais vividas no seu percurso histórico até então, relatar e descrever as mudanças observadas no ambiente da cidade de Goiânia e tratar de temas como família, infância etc, a partir de entrevista pré-planejada, que valorizasse principalmente a espontaneidade do informante.

Nesse sentido, os inquéritos foram coletados na própria comunidade, ou seja, no ambiente familiar do informante, tentando-se sempre neutralizar a presença do documentador, bem como do gravador. A transcrição desses dados seguiu regras definidas através dos resultados verificados na oficina de transcrição, promovida pelo Grupo de Estudos Funcionalistas (GEF), da Faculdade de Letras-UFG, ao qual o “Fala goiana” está vinculado.

Após a coleta dos dados da fala, realizou-se a transcrição dos inquéritos, buscou-se verificar a ocorrência de dados derivados do verbo *dizer*. O objetivo era identificar, descrever e analisar os usos derivados do verbo *dizer* na fala de usuários pouco escolarizados, integrantes das faixas III, e observar, especialmente, a implementação do paradigma representado por esses usos, descrito por Casseb-Galão (2001) e representados pelos usos de [*disk'*].

Foram analisados dois inquéritos da faixa etária III, um do gênero masculino e um do feminino. Buscou-se verificar usos derivados do verbo *dizer*, especialmente, em acepção gramatical, que confirmassem o trabalho de Casseb-Galvão (2001). Os dados foram analisados a partir do paradigma funcionalista, assim como das teoria da evidencialidade e gramaticalização.

### **Bases Funcionalistas**

A orientação funcionalista da linguagem é composta de um conjunto articulado de teorias e pesquisas que observam, analisam e descrevem os fenômenos linguísticos no seu estado mais dinâmico, percebendo os fatos linguísticos manifestando-se numa situação real de uso, em que os usuários estão em interação social-verbal, tendo como motivação a intenção pragmática. E, por isso, as expressões linguísticas são consideradas mediadoras desse processo interativo.

A dinamicidade da língua em situação de interação comunicativa revela diversos fatores internos à estrutura gramatical e fatos externos, no plano extralinguístico. Nisso, o fenômeno linguístico é identificado e exaurido por um suporte teórico que considere interrelacionais os elementos que proporcionam a excelência comunicativa. Assim, afirma Casseb-Galvão (2001:19):

Uma abordagem funcionalista tem sua atenção voltada para o uso das expressões linguísticas na interação verbal, o que equivale a uma concepção de modelo linguístico em que se considera os aspectos pragmáticos, além dos sintáticos-semânticos, ou ainda, um modelo que reconheça na linguagem a manifestação do dinamismo das relações sociais.

Para o paradigma funcionalista, o sistema linguístico não é autônomo e inacabado, mas sim dinâmico, estando em constante transformação. Por isso, as expressões linguísticas só fazem sentido na interação verbal entre os interlocutores. Para

nosso estudo, esse princípio é pertinente uma vez que se pretende verificar os usos evidenciais gramaticais derivados do verbo *dizer* na situação interativa.

Casseb-Calvão (2001) analisou a expressão linguística *diz que* como introdutora de oração encaixada, mas não condizente com a estrutura argumental do predicado *dizer*, pois não expressa um de seus termos, o argumento da esquerda, com papel temático agente do dito, assim não atribuindo no mundo real a origem da informação apresentada. A autora identificou esse uso também como uma estratégia do falante para demonstrar ao interlocutor que não pode ou não tem a intenção de atribuir ou identificar a fonte da informação, categoria evidencial.

Em (2) há um exemplo do verbo *dizer* como núcleo de predicação:

(2) Tia Ursula ***diz que*** a água daqui faz bem ao cabelo (...) (PD-LD)<sup>4</sup>

No enunciado (2) (L2), tem-se o verbo *dizer* como predicado, indicando relação entre o conteúdo de um ato de fala e o locutor desse ato. Na estrutura argumental desse verbo tem-se o argumento um (locado a direita) com papel semântico de agente (ser animado, com capacidade de locução – *Tia Úrsula*) intermediado pelo conectivo *que*, caracterizando uma oração matriz na qual outra vai encaixada, coligando com o argumento dois (*água daqui*), constituindo uma proposição (fato possível). Trata-se do uso mais concreto do verbo *dizer*, elemento evidencial com valor lexical, conceitual.

Já em (3), há ausência do argumento 1, exigido pelo verbo. Há uma alteração no extrato sintático da estrutura oracional e no valor da forma derivada de *dizer*. Em (3) o *diz que* representa a fonte incerta do conteúdo asseverado (*o enterro de muitas pessoas*). Casseb-Galvão (2001) o descreve como um operador evidencial gramatical, um elemento mais abstratizado, menos conceitual e com mais valor discursivo:

(3) L1 (...) e assim:: morreu um colosso de gente aqui em São Paulo nessa ocasião que foi...(...)

L2 ***diz que*** em Jundiaí também enterravam...(...) (NURC/SP, D2, INQ.396)

---

<sup>4</sup> Ocorrência coletada por Casseb-Galvão (2001).

Nos estudos realizados por Casseb-Galvão (2001), constatou-se que o sistema evidencial gramatical no Português Brasileiro (PB) está em desenvolvimento, devido ao processo de gramaticalização que fez surgir o marcador evidencial gramatical /*disk*<sup>1</sup>/, a partir da predicação (*ele*) *diz que*, como apresentado acima.

Esse mesmo estudo mostra que a evidencialidade é inerente à linguagem, pois de maneira explícita ou não, os conteúdos dos atos de fala têm uma fonte direta ou indireta. A evidencialidade é, pois, a categoria linguística relativa à fonte do que se enuncia.

A gramaticalização é um fenômeno linguístico que consiste na mudança de um item lexical para um item gramatical. Nesse sentido, Casseb-Galvão (2001, p. 144), define gramaticalização como “o desenvolvimento de itens ou construções de significados mais abstratos (gramaticais ou mais gramaticais) a partir de significados mais concretos (lexicais ou menos gramaticais)”. A esse grau de gramaticalização a que a autora se refere é representado pelo *cline* de mudança proposto por Gonçalves et al (2007, p.31): [lexical] > [gramatical] ou do [- gramatical] > [+ gramatical].

Nessa proposta, o processo de gramaticalização ocorre quando há uma grande frequência na utilização de uma palavra originariamente de conteúdo pleno, fazendo com que ela em diferentes contextos perca seu sentido concreto tornando-se mais abstratas, ou seja, gramaticalizadas.

### **O processo de gramaticalização do *diz que*: A evidencialidade gramaticalizada**

A seguir expõe-se um conjunto de parâmetros definidos por Casseb-Galvão (2001) para caracterizar o processo de gramaticalização do *diz que* no PB e que foram considerados na análise dos dados de fala da faixa etária III, e que envolvem os planos semântico, morfossintático e fonológico.

O ponto de partida em Casseb-Galvão (2001) para apontar a gramaticalização do *diz que* no PB foi identificar a forma *fonte*, ou seja, o item que dera

origem ao processo de gramaticalização. Esse item devia estar em um plano mais concreto, o elemento dele gramaticalizado preserva traços dessa *fonte*, obedecendo ao *princípio da persistência*. Casseb-Galvão (2001) afirma que a forma *fonte* da expressão *diz que* é a construção *(ele) diz que*, com oração matriz encabeçada pelo verbo *dizer* em seu sentido pleno, tendo com argumento um o agente do dito. Esse conjunto expressa uma experiência humana com traços mais concretos e atende a todas as propriedades sintáticas e semânticas de um item lexical.

Assim a ocorrência de usos na forma predicativa (lexical) e não-predicativa (gramatical) favorece a elaboração de um contínuo de mudança, levando-se em consideração parâmetros como a presença do agente ou a fonte do dito, a função sintática do agente, a experiência evidencial desse agente e o tipo evidencial que ele representa, chegando-se ao seguinte contínuo da gramaticalização do evidencial *diz que* /*disk*<sup>h</sup>/:

***Citativo (i, ii, iii) > Intuitivo, Reportativo, Reportativo de mito > Assumido, Inferencial > De boato, Especulativo.*** (CASSEB-GALVÃO, 2001, p. 165)

Assim, o *diz que* no seu processo de gramaticalização passa do domínio mais concreto para o mais abstrato, confirmando os pressupostos da teoria da gramaticalização. Vale ressaltar que esse processo parte de um estágio inicial levando a mudanças no plano semântico, morfológico e fonológico, resumidas no quadro abaixo:



Plano Semântico	Plano Morfossintático	Plano Fonológico
<p>“A abstração tem relação com generalização (redução das propriedades da forma <i>fonte</i>), isolamento (separação de uma propriedade especial do elemento <i>fonte</i>), e metaforização (extensão do conceito original).” (CASSEB-GALVÃO, 2001, p.167).</p>	<p>“Essas formas tendem a assumir atributos de categorias secundárias, mais gramaticalizadas, que exercem funções de operadores e satélites”, elementos não obrigatórios para a estrutura sintática básica. Casseb-Galvão (2001, p.179)</p>	<p>No <i>diz que</i> operador evidencial (1), o contorno entoacional e a realização segmental são distintos do que ocorre no <i>diz que</i> predicado matriz (2), o que sinaliza a gramaticalização desse evidencial. Ele passa a ser pronunciado /<i>disk</i><sup>h</sup>/</p>

Quadro: Propriedades semânticas, sintáticas e fonológicas da gramaticalização de /*disk*<sup>h</sup>/

Essas postulações teóricas embasaram a análise das ocorrências dos usos de derivados do verbo *dizer* na fala goiana com relação à faixa etária III, resultado apresentado a seguir.

## RESULTADOS

É interessante apontar que, em Casseb-Galvão (2001, p.105), os principais objetivos de análise envolveram as diferentes situações de uso do *diz que* não-predicativo e as funções evidenciais desempenhadas pelo *diz que* não-predicativo. Considerando-se os inquéritos analisados e as respectivas faixas etárias dos sujeitos de pesquisa, pretendemos observar se os usos observados no português brasileiro ocorrem da fala goiana, ratificando a implementação do paradigma evidencial representado pelos usos de /*disk*<sup>h</sup>/, caso sejam ocorrências frequentes na faixa etária III, falantes de meia idade., sugerindo que já obtivemos os seguintes resultados.

Considerando-se os inquéritos analisados e as respectivas faixas etárias dos sujeitos de pesquisa, obtivemos os resultados seguintes.

Constatou-se uma única ocorrência do /*disk*<sup>i</sup>/ operador evidencial gramatical de boato (4), um dos usos do diz que não-predicativo. Esse operador evidencial, segundo Casseb-Galvão (2001), aparece em texto narrativos pessoais, em que não há tendência à argumentação.

(4) “Porquê essa rua era:: ...rua qui morava prostitutas... i ...*diz qui*:: *diz qui* todas as casas lá era di prostitutas....”

Esse uso introduz uma informação que não tem origem definida, e o conteúdo é tomado como de pouca credibilidade, qualificando a proposição quanto à origem incerta ou duvidosa da informação asseverada.

Percebe-se nessa ocorrência que a entonação mostra um uso limítrofe entre a modalidade epistêmica (avaliação do falante a respeito do valor de verdade da proposição) e a evidencialidade (marcação de fonte indireta da informação), pois o truncamento melódico e a pausa entre a marcação apontam para uma estratégia de preservação da face do enunciador, uma escolha característica da atitude do falante frente a seu ato de fala.

## **DISCUSSÃO**

A baixa frequência desses usos demonstra que a gramaticalização se dá de forma gradual. Mas é certo que os usuários goianos sabem que têm a sua disposição no seu repertório linguístico uma expressão relativa aos liames intersubjetivos do ato de interlocução, e a escolhem baseados pela intenção pragmático-comunicativo. Outra motivação para essa baixa frequência pode ser o fato de que as experiências narradas foram resultado de evidências diretas. O que poderia ser comprovado com a ampliação do número de inquéritos a serem analisados, trabalho inviável em um projeto de IC com 12 meses de duração.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O contato direto com os informantes durante o processo de coleta dos dados resultou num verdadeiro jogo instigante de envolvimento na busca de uma interação espontânea, e a análise mostrou que a língua é um fenômeno dinâmico que está em constante mudança, pois serve a um contexto social em transformações contínuas. Assim, a língua e seus mecanismos atendem a essa peculiaridade, se reinventando pelo processo de gramaticalização e se revigorando pela marcação da subjetividade na codificação linguística.

Os resultados aqui observados serão cotejados com os dados de Lorena Machado (PIBIC – UFG / 2012<sup>5</sup>, que realizou uma análise comparativa entre as três faixas etárias em que estão divididos os informantes do projeto Fala goiana.

## BIBLIOGRAFIA

- GALVÃO, V. C. C. Evidencialidade e gramaticalização no PB: os usos da expressão *diz que*. Tese de Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa. FCLAr, UNESP. Araraquara: 2001.
- GONÇALVES, S. C. ET AL. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola, 2007.
- NEVES, M. H. M. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- NEVES, M. H. M. *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.
- PAIVA, M. C.; DUARTE, M. E. *Mudança lingüística: observação no tempo real*. In: Mollica; Braga. *Introdução à sociolingüística*. São Paulo: Contexto, 2003
- TARALLO, F. *A pesquisa sociolingüística*. São Paulo: Ática, 1991
- VENDRAME, V. *Os verbos ver, ouvir e sentir e a expressão da evidencialidade em língua portuguesa*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual Paulista. São José do Rio Preto: [s.n.], 2010.

---

<sup>5</sup> CASSEB-GALVÃO, V. C.; MACHADO, L. Construções Evidenciais Derivadas de *dizer* no Português Falado em Goiás: um estudo em faixas etárias.